



Transgressão da matéria
Guilherme Moreira

O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição

Transgressão da matéria

Guilherme Moreira

Centro Cultural

Coordenação de
Cerimonial,
Eventos e Cultura

Diretoria Executiva de
Comunicação e
Mídias Digitais



O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários.

Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo. Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.

Na busca do sentido da palavra “matéria”, é possível localizar incontáveis significados. No entanto, o apresentado a seguir foi o que elegemos para desenvolver uma compreensão sobre o trabalho de Guilherme Moreira: “Substância extensível, divisível, que pode ser pesada e suscetível de tomar todas as formas: a matéria é a causa permanente de todas as nossas sensações”.

Interessante assinalar que o artista desenvolve sua pesquisa em especial no âmbito da arte minimalista, sendo boa parte de suas obras compostas por múltiplas possibilidades de utilização do papel como matéria plástica e poética.

O minimalismo, por sua vez, sumariamente, propunha a concepção e realização de objetos que tivessem seu sentido encerrado neles próprios. De acordo com Didi Huberman, a ideia era “criar volumes sem sintomas, portanto: objetos tautoló-

gicos”, ou, ainda, “uma arte esvaziada de emoção”. Outro preceito de artistas minimalistas, como Robert Morris e Donald Judd, era de que os objetos fossem vistos como um todo, sem partes.

Contudo, a história e a crítica de arte acabaram por constatar que tais objetivos não foram plenamente alcançados, pois, grosso modo, uma vez que um objeto se encontra em algum lugar, para o observador, ele será sempre relacional. Esta compreensão, por si só, já esgotaria o intento de encerrar a percepção do objeto nele mesmo. Embora tentativas de impedir quaisquer outras leituras sobre os objetos, como a de J. Kosuth, que inscreveu em caixas de acrílico transparentes as palavras *empty*, *clear* e *glass*, retirando-lhes seu caráter mágico, como diria Flusser, o sujeito sempre se faz presente e o relacional acontece, indicando caminhos para além do que os preceitos minimalistas desejavam.

Dito isto, retornando ao significado da matéria, causa permanente de todas as nossas sensações, ao observar as séries *Sintoma #9* e *Sintoma #3*, é possível notar que o elemento que irrompe, o detalhe, compreendido pelos minimalistas como elemento desagregador, é precisamente o que possibilita a apreensão dessas obras como uma totalidade. É o sintoma que as conecta, criando um *continuum* visual.

O sintoma, criador e delimitador de espaços, aqui é horizonte, com diversas perspectivas relacionais, seja pela simplicidade dos materiais, pelos volumes, ou ainda pelos espaços supostamente vazios.

Derivando da série *Sintoma*, a cisão no papel segue orientações variadas em *Linhas de Fratura*. São esculturas-relevo que, segundo o artista, “formam uma imagem que joga com a dupla condição da matéria, ele é ao mesmo tempo superfície e

volume, bi e tridimensional”. Ainda tendo o papel como suporte poético, em *Alvo (Ou como no Brasil corpos Negros são mais alvos do que os Alvos corpos)*, um buraco se projeta do centro, irradiando em sobreposição de camadas que perturbam e provocam o espectador sobre quem ou o que é alvo. Finalmente, na série de fotografias *Dádiva da Carne*, é a madeira que irrompe no papel, explorando as possibilidades do uso desses materiais na construção da imagem.

Nas obras desta exposição, o artista imerge na substância, no íntimo, e se depara com inquietações que resultam em irrupções espaciais. A matéria, a que pode tomar todas as formas, é transgressora e transgredida.

Ana Paula Barbosa e Sormani Vasconcelos
Curadores

Trabalhando propositalmente com o papel de alta alvura, **Alvo (... ou como, no Brasil, corpos NEGROS são mais alvos do que ALVOS corpos)** aborda e desvela, poeticamente, por meio dos furos emulando tiros fatais, o projeto de apagamento da memória e identidade negra no Brasil. Traz, em sua composição, uma espécie de emblema do

genocídio como acúmulo a partir das camadas de furos que reverberam. Jogando com a palavra alvo/alvejado, o título desta obra acirra a discussão que o trabalho se propõe a penetrar. Esta foi a primeira obra em que, de fato, comecei a rasgar os papéis, em vez de cortá-los: um verdadeiro ato de emancipação plástica.



Alvo (... ou como, no Brasil, corpos NEGROS são mais alvos do que ALVOS corpos)

Escultura em papel de alta alvura

45 cm x 33 cm x 5 cm

2019



**Alvo (... ou como, no Brasil, corpos NEGROS são mais
alvos do que ALVOS corpos)**

Detalhe

Dãdiva da Carne (Du don de la chair) é uma série de doze fotografias (aqui apresento nove delas), realizada em 2019, e surgiu num momento de virada conceitual em minha produção, anteriormente marcada pelo corte geométrico das folhas de papel. Em meio a um doloroso processo de autoaceitação, autoconhecimento e revolução da minha autoimagem, as fotografias que agora

fazem parte da série *Dãdiva da Carne* surgiram como receptáculos de um *eu* renovado. Elas são, acima de tudo, uma tentativa de libertar-me de um geometrismo inócuo e enfrentar o caos e assumir o *pathos*. *Dãdiva da Carne* joga com o poder *incarnacional* das imagens e, por isso, porta-se como sintoma de uma pulsão recalcada que se manifesta em suas latências incontroláveis.



Minissérie Dãdiva da Carne

Fotografias impressas em *fine art*

20 cm x 30 cm x 5 cm

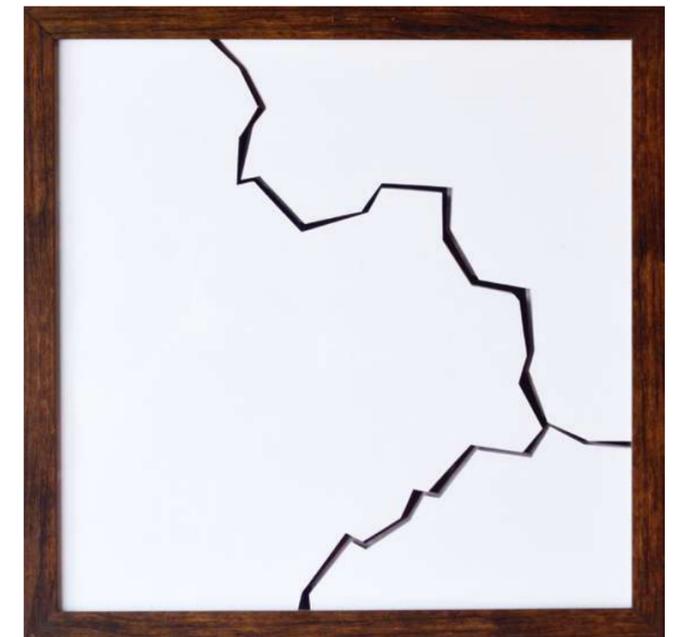
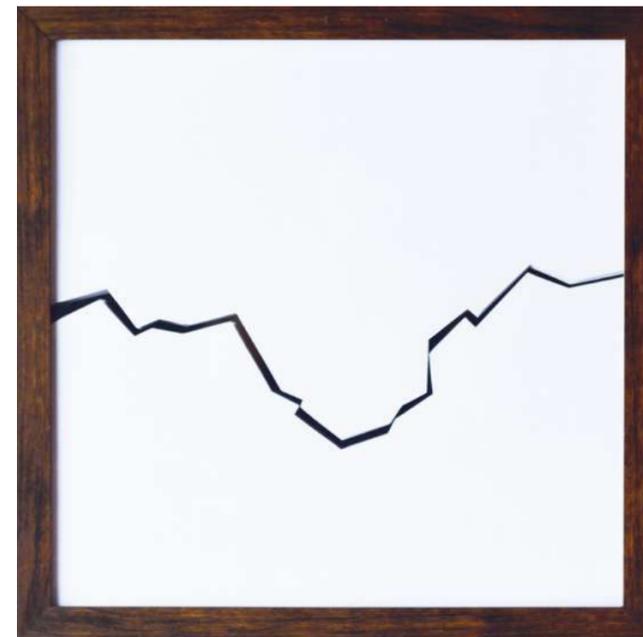
2019





Linhas de Fratura é o que eu gosto de chamar “série-experimento”. As três obras desta série que apresento aqui começaram como protótipos derivados da série *Sintomas*, numa vontade de explorar formatos menores, construindo rachaduras contidas em quadradinhos emoldurados. Chamo de “série-experimento” porque, em princípio, essas obras surgem de projetos que não tenho a intenção de concretizar. São trabalhos intersticiais que geralmente ficam entre duas séries

grandes, quase como rabiscos de ateliê. A ideia de seguir em frente e fazer esses trabalhos surgiu durante o isolamento causado pela pandemia, quando me vi impossibilitado de adquirir novos materiais em grandes dimensões e, portanto, passei a experimentar com os projetos de menor formato que estavam “engavetados” em meu caderno de ideias, aproveitando as sobras de papel encostadas em meu ateliê.



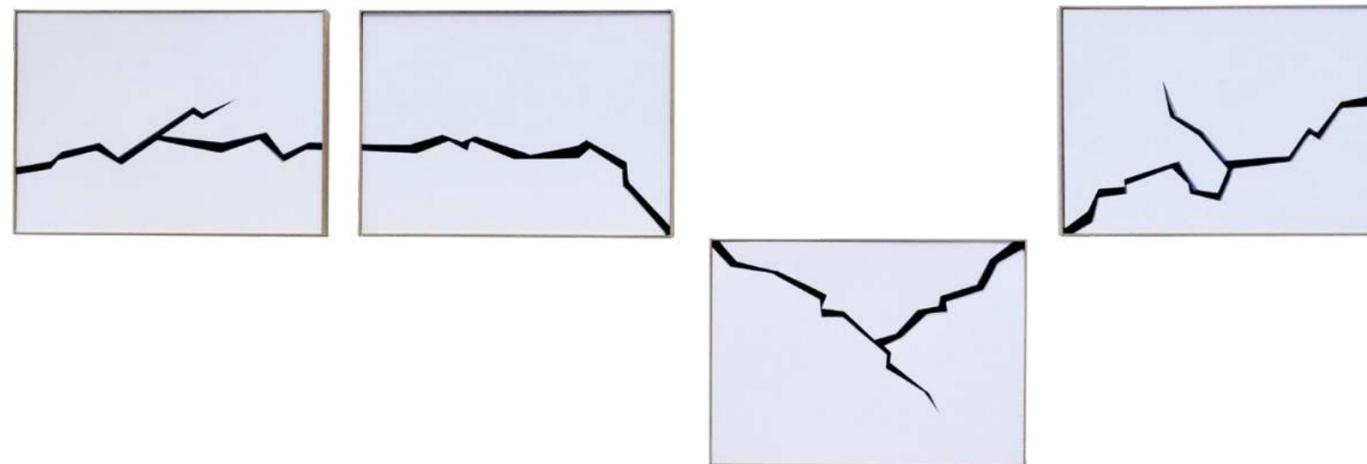
Série Linhas de Fratura
Esculturas em papel de alta alvura e papel kraft
35 cm x 35 cm x 5 cm
2020



Linha de Fratura #2
Detalhe

Sintoma #3 é um dos primeiros trabalhos da série *Sintomas*, iniciada em 2018, em que comecei a utilizar o papel (um material presente desde o início da minha carreira) a partir da metáfora psicanalítica do sintoma, daquilo que é recalçado e tende a se manifestar por entre as rachaduras das superfícies. Gosto de usar o papel como matéria plástica criadora de imagens, e não meramente como suporte de outras imagens (seja desenho,

fotografia, gravura ou pintura), explorando sua qualidade bi e tridimensional. É por essa razão que coloco meus trabalhos nessa condição ambígua de relevo e escultura, por comportar qualidades de ambas as linguagens. Foi a partir deste trabalho que lancei a ideia de dar continuidade a uma fratura que se espalha por mais de um quadro, como uma rachadura que se alastra pela parede.



Sintoma #3

Escultura em papel de alta alvura

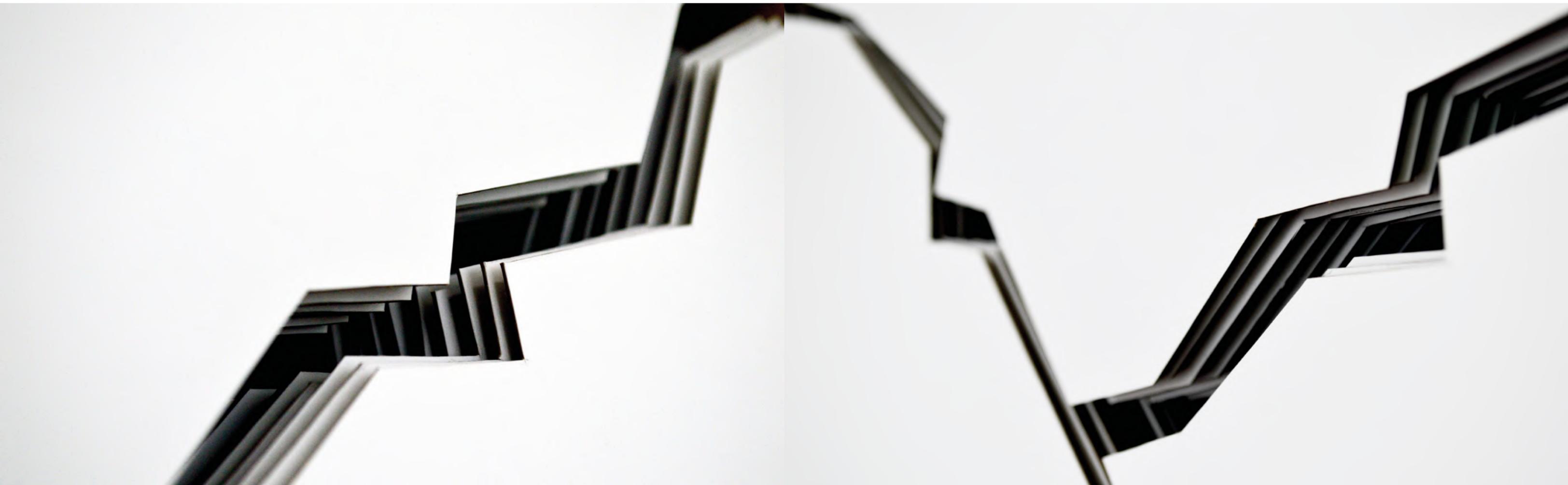
33 cm x 45 cm x 5 cm (cada)

2019



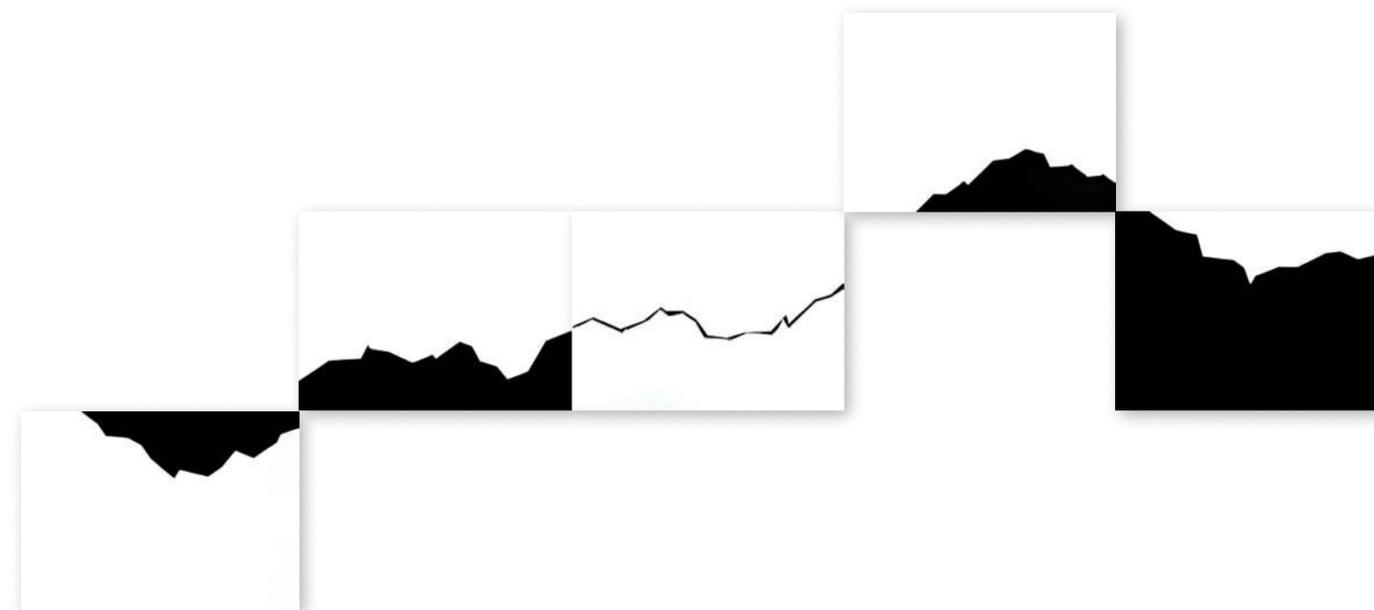
Sintoma #3

Detalhe



Sintoma #9 é uma minissérie de cinco estruturas feitas com camadas de papel de alta alvura, seguindo a lógica da série *Sintomas*. Nessa minissérie (devido a sua extensão), passo a introduzir zonas sombreadas, com papel *anson* preto, explorando uma nova possibilidade de lidar com a metáfora do sintoma, refletindo sobre sua ação/transgressão em um determinado corpo/matéria

para além da fratura. Nessa minissérie em cinco atos, a fratura exposta pelo sintoma parece abrir novas superfícies e formar imagens outras. Veio a mim o pensamento: "Não há superfície que suporte sua própria placidez diante do caos provocado por um sintoma". É sobre esse extravasamento da linha, do desenho da fratura, que desejo refletir com esse trabalho.



Sintoma #9 (Minissérie)

Escultura em papel de alta alvura

32 cm x 45 cm (cada)

2020 – 2021



Sintoma #9
Processo de criação



Guilherme Moreira

Mestre e doutorando em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (2019) e bacharel em Teoria, Crítica e História da Arte também pela UnB (2016), Guilherme Moreira é artista, professor, designer e pesquisador. Desde 2015, expõe regularmente em salões, mostras coletivas e individuais, tanto em Brasília quanto em outros Estados brasileiros.

Participou do 21º Salão Anapolino de Artes (2015); do Salão de Arte Contemporânea de Ponta Grossa (2016); e dos 16º e 17º Salão de Nacional de Arte de Jataí (respectivamente em 2017 e 2018). Esteve presente em exposições coletivas como: *Das Estruturas Mínimas às Não Cores* (2017), durante o 6º Arte Londrina; *Métrica*, na OMA Galeria, em São

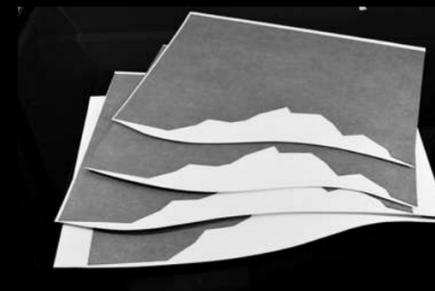
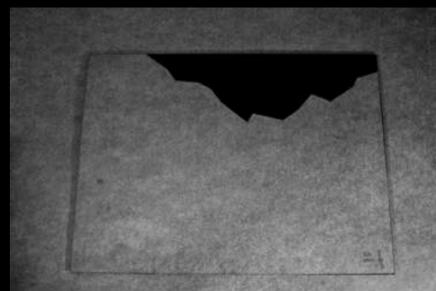
Bernardo do Campo, SP, com curadoria de Gisele Lima (2018); e *Dis[tensões] no Espaço*, em Brasília, com curadoria de Ana Paula Barbosa e Sormani Vasconcelos (2019).

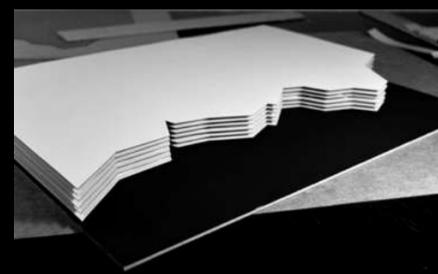
Organizou as exposições individuais: *Matéria e Derivado* (2016), na Galeria Sesc de Artes / Centro de Atividades do Sesc Palmas, Tocantins, e no Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (Marco-MS); e *Estratigrafias*, exibida na Galeria da Faculdade de Artes Visuais da UFG (2019). Integrou a 14ª Bienal Internacional de Curitiba, na exposição coletiva *Contra ponto: Brasília pela Pilastra*. Em 2020 foi premiado pelo certame *Arte como Respiro: Artes Visuais*, organizado pelo Itaú Cultural.



A pesquisa visual do artista foca no trânsito simbólico e plástico entre o bidimensional e o tridimensional, atuando nas zonas de litígio e nas fronteiras que destacam ambas as grandezas nas artes visuais. Portanto, pintura, escultura, fotografia, instalação e objeto são categorias que possibilitam ao artista percorrer caminhos diversos a partir das qualidades físicas e simbólicas dos materiais que escolhe trabalhar. No âmbito da História da Arte, sua pesquisa está focada nas premissas teóricas e poéticas da *Minimal Art* estadunidense.

Guilherme Moreira desenvolve pesquisa em artes visuais desde 2015, eminentemente em linguagens tridimensionais como escultura, relevo e instalação, trabalhando também com fotografia e, mais recentemente, com pintura.





Transgressão da matéria

Guilherme Moreira

De 30 de março a 12 de maio de 2022,

segunda a sexta, das 9h às 17h

Galeria Décimo | Anexo IV, 10º andar | Câmara dos Deputados

Câmara dos Deputados | Mesa Diretora da Câmara dos Deputados PRESIDENTE Arthur Lira (PP/AL) | 1º VICE-PRESIDENTE Marcelo Ramos (PL/AM) | 2º VICE-PRESIDENTE André de Paula (PSD/PE) | 1º SECRETÁRIO Luciano Bivar (PSL/PE) | 2º SECRETÁRIA Marília Arraes (PT/PE) | 3º SECRETÁRIA Rose Modesto (PSDB/MS) | 4º SECRETÁRIA Rosângela Gomes (REPUBLICANOS/RJ) | SUPLENTEs Eduardo Bismarck (PDT/CE), Gilberto Nascimento (PSC/SP), Alexandre Leite (DEM/SP), Cássio Andrade (PSB/PA)

Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados | SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL Acácio Favacho (PROS/AP) | SECRETÁRIO DE PARTICIPAÇÃO, INTERAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS Alex Santana (PDT/BA) | DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS Luís Otávio Veríssimo Teixeira | COORDENAÇÃO DE EVENTOS, CERIMONIAL E CULTURA Frederico Fonseca de Almeida | COORDENAÇÃO DO PROJETO Isabel Flecha de Lima, Clauder Diniz | CURADORIA Ana Paula Barbosa e Sormani Vasconcelos | PRODUÇÃO Clarissa de Castro | REVISÃO Maria Amélia Elói | PROJETO GRÁFICO Clara Iwanow | MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO André Vantorim, Edson Caetano, Paulo Titula, Wendel Fontenele | MATERIAL GRÁFICO Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Contato do artista

 [guilhermemoreiraart](#)

 guilherme.tcha@gmail.com

Informações: 0800 0 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601
CEP 70160-900 – Brasília/DF
<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, fevereiro de 2022.





Coordenação de
Centro Cultural

Coordenação de
**Cerimonial,
Eventos e Cultura**

Diretoria Executiva de
**Comunicação e
Mídias Digitais**

